

# Maior risco para diabetes e doenças do coração

A infecção pelo novo coronavírus deixa os pacientes mais vulneráveis ao surgimento dessas complicações por ao menos três meses

Cada vez mais, a covid é reconhecida como uma condição multissistêmica, que pode causar doenças no corpo todo, provavelmente desencadeando vias inflamatórias. Agora, um estudo do King's College Londres, no Reino Unido, mostra que os pacientes enfrentam um risco maior de desenvolver doenças cardiovasculares e diabetes principalmente nos três meses após a infecção pelo Sars-CoV-2. O artigo, liderado por Emma Rezel-Potts e Martin Gulliford, foi publicado na revista *Plos Medicine*.

No novo estudo, os pesquisadores investigaram se uma amostra de pacientes com covid-19 desenvolveu diabetes e doenças cardiovasculares no ano seguinte à infecção em taxas mais altas do que indivíduos que nunca tiveram a doença desencadeada pelo novo coronavírus. Eles analisaram registros médicos anônimos de mais de 428 mil britânicos que contraíram o Sars-CoV-2 e de um número igual de indivíduos controles (que não foram infectados), pareados por idade e sexo.

A análise mostrou que os pacientes com covid-19 tiveram 81% mais diagnósticos de diabetes nas primeiras quatro semanas após contrair o vírus e que o risco permaneceu elevado em 27% por até três meses depois da infecção. A doença também foi associada a um aumento de seis vezes nos diagnósticos cardiovasculares em geral, principalmente devido ao desenvolvimento de embolia pulmonar (coágulos sanguíneos nos pulmões) e batimentos cardíacos irregulares.

O risco de um novo diagnóstico de enfermidade cardiológica começou a diminuir cinco semanas após a infecção e retornou ao normal dentro de 12 semanas a um ano. Dessa forma, os pesquisadores concluem que a infecção está associada a um risco aumentado de distúrbios cardiovasculares e diabetes, mas não parece haver um aumento a longo prazo na incidência dessas condições para infectados.

Com base nessas descobertas, eles recomendam que os

médicos aconselhem aqueles que estão se recuperando da doença a reduzir o risco dessas enfermidades por meio de uma dieta saudável e a prática de exercícios físicos. "As informações fornecidas por esse grande estudo populacional sobre os efeitos de longo prazo da covid-19 no desenvolvimento de doenças cardiovasculares e diabetes serão extremamente valiosas para os médicos que gerenciam os milhões de pessoas que foram infectadas. Está claro que é necessária uma vigilância especial pelo menos nos primeiros três meses", disse o coautor Ajay Shah.

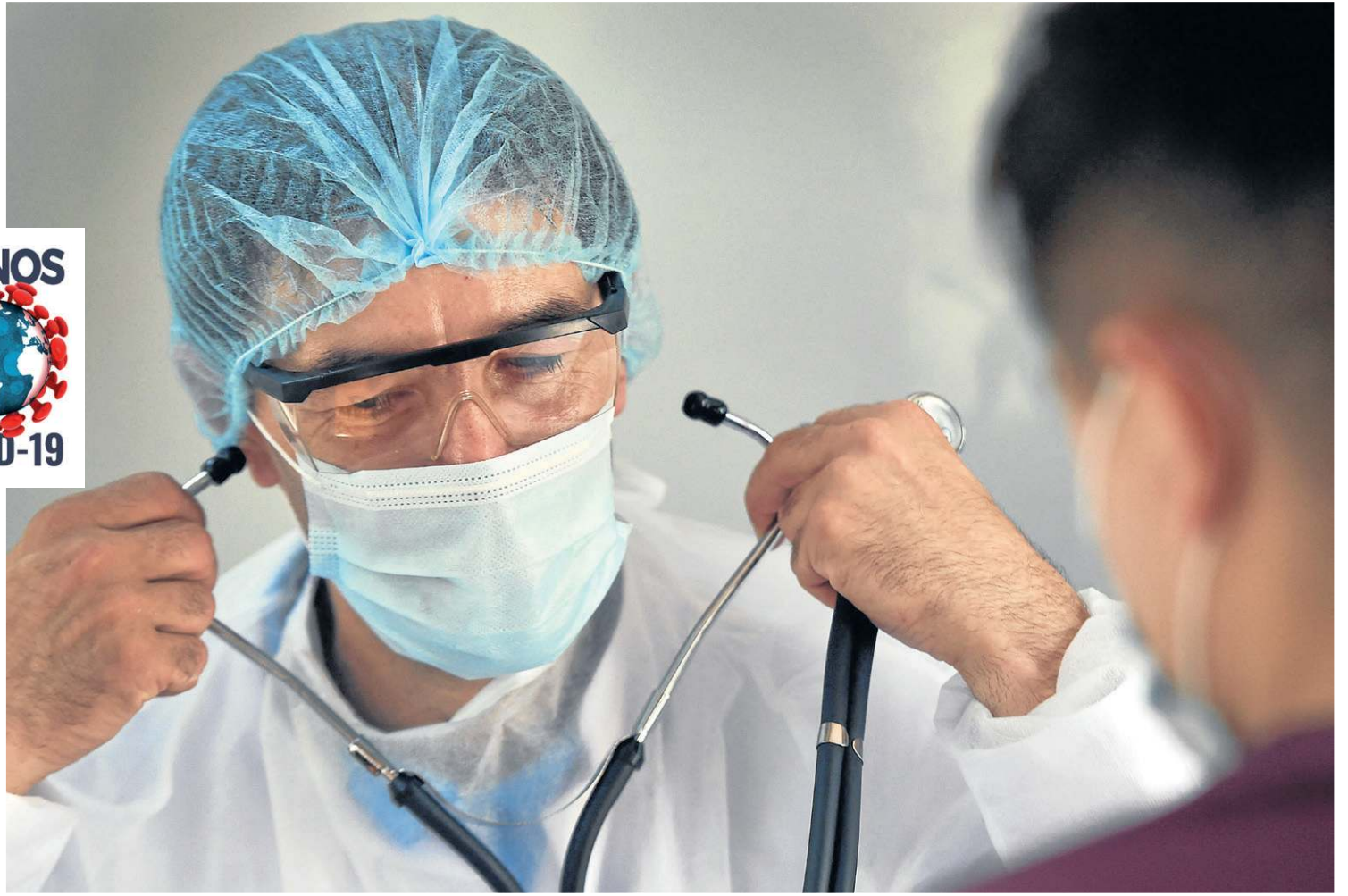
Principal autora do estudo, Emma Rezel-Potts enfatiza que, embora seja nas primeiras quatro semanas que os pacientes com covid-19 parecem ficar

car mais vulneráveis, o risco de diabetes mellitus permanece aumentado por pelo menos 12 semanas. "Intervenções clínicas e de saúde pública com foco na redução do risco de diabetes entre aqueles que se recuperam do covid-19 a longo prazo podem ser muito benéficas", defende.

Na opinião de Amitava Banerjee, professor de ciências de dados clínicos e cardiologia da Universidade College Londres, o estudo chama a atenção por se grande e bem conduzido, além de apoiar as descobertas de outras pesquisas no Reino Unido e em outros países que mostram o aumento do risco de doenças cardiovasculares e diabetes pós-covid.

"Essas novas análises sugerem um risco ligeiramente maior em toda a população nas primeiras semanas após a infecção, mas um risco maior em certas pessoas, como aquelas com doenças cardíacas ou diabetes preexistentes. O mecanismo subjacente do aumento do risco não é claro, e mais pesquisas são necessárias", disse Banerjee, que não participou do estudo. De acordo com ele, esse é um alerta de que a covid-19 não pode ser ignorada.

SERGEI GAPON



Para autores, médicos devem recomendar uma dieta equilibrada e a prática de exercícios assim que os pacientes se recuperarem da covid-19

## Ômicron: reforço cai após 90 dias

Embora as vacinas de reforço em adultos produzam altos níveis de anticorpos neutralizantes contra a variante ômicron, essas taxas diminuem substancialmente em três meses, de acordo com um artigo publicado na revista *Cell Reports Medicine*, financiado pelo Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas dos EUA.

Como parte de um ensaio clínico, os pesquisadores administraram vacinas de reforço a adultos que haviam recebido anteriormente a imunização prévia sob Autorização de Uso de Emergência. Alguns participantes receberam a mesma substância, enquanto outros foram contemplados com uma diferente. Os cientistas, então, avaliaram as respostas imunes ao longo do tempo.

Na nova análise, os pesquisadores relatam que quase todas as combinações de vacinas avaliadas geraram altos níveis de anticorpos

David Ryder



O resultado foi o mesmo em quase todas as combinações de vacinas

(D614G). A BA.5, atualmente, é a variante dominante em vários países, incluindo o Brasil.

Os autores observam que as descobertas são consistentes com relatórios que mostram a diminuição da proteção contra a infecção por Sars-CoV-2 durante a onda da ômicron em pessoas que receberam uma série de vacinas primárias mais uma dose de reforço. Além disso, a resposta imune às sublinhagens mostra suscetibilidade reduzida a essas subvariantes emergentes rapidamente. Os dados podem ser usados para informar decisões sobre futuras recomendações de calendário de vacinas, observaram os cientistas.

neutralizantes para a sublinhagem ômicron BA.1. No entanto, as taxas foram baixas no grupo que recebeu a Ad26.COV2.S, fabricada pela Jansen, como imunização primária e reforço.

Além disso, as respostas imunes à ômicron em todos os grupos diminuíram substancialmente, com os

níveis de anticorpos neutralizantes diminuindo de 2,4 a 5,3 vezes três meses após o reforço. As sublinhagens BA.2.12.1 e BA.4/BA.5 foram 1,5 e 2,5 vezes menos suscetíveis à neutralização, respectivamente, em comparação com a BA.1, e 7,5 e 12,4 vezes menos suscetíveis quando comparada à estirpe ancestral

## MENOPAUSA

# Reposição hormonal não é ligada à recorrência de câncer

Assim como acontece com algumas mulheres saudáveis, complicações comuns da menopausa, como ondas de calor, secura vaginal e infecções do trato urinário, podem afligir as sobreviventes de câncer de mama. Esses incômodos podem ser aliviados pela reposição hormonal, mas a segurança do uso de estrogênio sistêmico e vaginal entre sobreviventes de câncer de mama, particularmente naquelas com doença positiva para receptor de estrogênio, ainda não é clara. Um artigo publicado na última edição do *Journal of the National Cancer Institute* afirma que essa terapia não está associada à recorrência do tumor.

Muitos médicos alertam as sobreviventes de câncer de mama contra o uso de terapia hormonal na menopausa após a demonstração de um risco aumentado de recorrência da doença em dois ensaios da década de 1990. Mas, além de estudos subsequentes não terem encontrado o mesmo resultado,

A mamografia é um dos exames de monitoramento de tumores na mama

as pesquisas de 30 anos atrás tiveram sérias limitações, incluindo pequenos tamanhos de amostra e curtos períodos de acompanhamento.

Agora, os pesquisadores investigaram a associação entre o tratamento hormonal com o risco de recorrência do câncer de mama e mortalidade em uma grande coorte de mulheres pós-menopáusicas dinamarquesas, tratadas para câncer de mama positivo para receptor de estrogênio em estágio inicial. O estudo incluiu dados longitudinais de um grupo de pacientes diagnosticadas entre 1997 e 2004 com tumor mamário em estágio inicial.

Entre 8.461 mulheres que não receberam terapia vaginal com

ANNE-CHRISTINE POUJOLAT



estrogênio ou reposição hormonal convencional antes do diagnóstico de câncer de mama, 1.957 e 133 fizeram uso desses tratamentos, respectivamente, anos após terem tido a doença.

Os pesquisadores encontraram aumento no risco de recorrência ou mortalidade nesses grupos.

"Esse grande estudo de coorte ajuda a informar as nuances das discussões entre médicos e

sobreviventes de câncer de mama sobre a segurança da terapia vaginal com estrogênio", disse Elizabeth Cathcart-Rake, que escreveu um editorial para acompanhar o artigo. "Os resultados sugerem que as

Os resultados sugerem que as sobreviventes de câncer de mama com sintomas geniturinários graves podem fazer terapia de estrogênio vaginal sem experimentar um aumento no risco de recorrência"

Elizabeth Cathcart-Rake, oncologista

sobreviventes de câncer de mama com sintomas geniturinários graves podem fazer terapia de estrogênio vaginal sem experimentar um aumento no risco de recorrência do câncer de mama", escreveu.